

Maquiavel, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Tradução, Introdução e Notas de André Santos Campos e Giovanni Damele Lisboa: Edições 70, 2024). ISBN: 978-972-44-2791-1. 428 pp.

É motivo para admiração e regozijo, por parte de todos aqueles interessados no pensamento político europeu da viragem do século XV para o XVI, a publicação da tradução inédita dos *Discorsi sopra la prima deca de Tito Lívio*¹, de Nicolau Maquiavel (1469-1527), para a língua portuguesa.

A referida edição é fruto do notável e primoroso labor de André Santos Campos² e Giovanni Damele³, responsáveis pela tradução do original em vernáculo italiano. Ambos são ainda responsáveis pela esclarecedora introdução e das substanciais, indispensáveis e não excessivas notas de rodapé, credoras do empenho da equipa editorial das Edições 70, cuja cooperação resultou em uma edição impecável, que alia o bom-gosto e a funcionalidade característicos dos volumes saídos daqueles prelos ao rigor acadêmico daqueles especialistas. Essa edição dos *Discursos* tem a justa medida: admirará ao leitor iniciado e não espantará ao neófito, que encontrará nela o material necessário à sua iniciação ao tema e aos posteriores desenvolvimentos a que se sentirá impelido a realizar.

Dentre as obras de Maquiavel, não foram os *Discursos* que obtiveram a maior difusão, mas *O Príncipe*, cuja forma literária é a de um *espelho de príncipes* (mas um em clave não ortodoxa). Postular-se-á nele, pela primeira vez, a autonomia do político face à moral: interessa a *verità effettuale della cosa*⁴, isto é, uma *praxis* política que se há-de preocupar, única e exclusivamente, com os modos de adquirir e de manter o poder político e não com uma sua conceptualização idealizada, cujo efeito prático seja, muito provavelmente, duvidoso, contraproducente, inútil ou mesmo prejudicial à sua aquisição e manutenção. É nos *Discursos*, obra posterior àquela, no entanto, que se encontra o cerne do pensamento político de Maquiavel e, curiosa e lamentavelmente, no universo editorial português ao menos, obra tão fundamental, de arquissabida relevância, carecia de uma tradução.

A *Introdução* à edição portuguesa dos *Discursos*, desenvolvida ao longo de trinta e cinco páginas, divide-se em seis partes: 1^a: *dentro da história* (≈ 04 páginas); 2^a: *post res perditas: o otium forçado e os Orti Oricellari* (≈ 05 páginas); 3^a: *“segundo o conhecimento das coisas antigas e modernas”* (≈ 06 páginas); 4^a: *“um caminho que não tenha sido ainda percorrido por ninguém”* (≈ 06 páginas); 5^a: *“novos modos e ordens”* (≈ 06 páginas) e 6^a: *“a língua de Maquiavel: do vernáculo italiano ao*

¹ Doravante, *Discursos*.

² André Santos Campos doutorou-se pela Universidade de Lisboa (2009) e é, atualmente, investigador principal na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dedicou-se à investigação nas áreas da Filosofia Política, Ética, Filosofia do Direito e História Intelectual. É autor, entre outras obras *Discursos de Maquiavel sobre Lívio: Novas Leituras* (Brill 2021).

³ Giovanni Damele doutorou-se pela Università degli Studi di Torino (2006) e é, atualmente, professor Auxiliar na Universidade Nova de Lisboa. Dedicou-se, entre outras áreas, à investigação da Filosofia Política.

⁴ Essa expressão fundamental do pensamento político de Maquiavel está, conforme sinalizam os autores, no início do capítulo XV d’*O Príncipe*. A edição de referência que adotam é: Maquiavel, *Tutte le Opere*, Mario Martelli (ed.), Milão, Bompiani, 2018, e a referência encontra-se na página 859.

português europeu” (≈ 07 páginas). Essa divisão equilibrada enquadra autor e obra (neste caso, a obra entendida organicamente) em uma perspectiva histórico-literária precisa e suficiente, que instrumentaliza e capacita o leitor para interagir com a obra daquele controvertido autor renascentista. Exemplifique-se.

A primeira secção, *Dentro da História*, integra a Maquiavel em um recorte cronológico perspectivado historicamente. Esboça-se nessa parte da introdução mais de um século de história italiana a partir de dois marcos temporais: a *Paz de Lodi* de 1454 e o *Saque de Roma* em 1527. A *Paz de Lodi* compreendida como ponto nevrálgico da crise do equilíbrio político estabelecido entre a república veneziana e o ducado milanês, e refletida, essencialmente, em dois níveis. A nível político, no governo de Lorenzo de Médici, o *Magnífico*, sobre a república florentina. A nível cultural, no apogeu do Renascimento artístico, literário e filosófico que, para além de recuperar os *exempla* dos antigos, estabelece uma nova “consciência do papel do homem na história enquanto elemento de transformação da sociedade e responsável pelo seu próprio destino [...]” (p. 09). O traumático *Saque de Roma*, compreendido num contexto histórico-cultural mais alargado (o da segunda e terceira décadas do século XVI) como consequência da agudização da crise política italiana. Enquanto que a Itália dessas décadas, com a presença de figuras tais como Leonardo, Rafael e Michelangelo, culturalmente divise os assentos olímpicos, politicamente, precipita-se em abismos dantescos. E é no transcurso dessas décadas, marcadas por intensas luzes e abrumadoras trevas, que Maquiavel redigirá *O Príncipe* e os *Discursos*, obras que os tradutores integraram organicamente na referida edição, o que constitui outra mais-valia para o estudioso interessado. A secção *Dentro da História*, é, portanto, uma bem-conseguida e orientadora síntese histórico-cultural, exemplo da sóbria clareza e do rigor que o leitor encontrará nas demais secções da *Introdução*.

Outro aspecto assinalável dessa edição é a amplitude e a qualidade do seu sistema de notas, configurado da seguinte maneira: 78 na *Introdução*; 01 na *Dedicatória a Zanobi Buondelmonti e Cosimo Rucellai*; 247 no *Livro Primeiro*; 151 no *Livro Segundo* e 199 notas no *Livro Terceiro*, contabilizando formidáveis 676 notas. Desse amplo e valiosíssimo aparato crítico, o leitor beneficiar-se-á sobremaneira: a) das pertinentes considerações de carácter filológico, cujo objetivo é o de fundamentar escolhas lexicais mais ou menos complexas exigidas pelo texto original, o que o torna inteligível ao leitor em língua portuguesa; b) da explicitação das relações entre os *Discursos* e a obra *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio, e entre os *Discursos* e outras obras fundamentais do florentino, o que permite uma abordagem transversal e orgânica das mais significativas peças do corpus maquiaveliano; c) da copiosa bibliografia especializada generosamente compartilhada, que abrange os principais tópicos relacionados ao pensamento político europeu e que é, indubitavelmente, sólido ponto de partida para qualquer incursão intelectual séria.

Eduardo de Souza Fagundes

Centro de Literatura Portuguesa – FLUC

eduoder@hotmail.com

0000-0001-6689-9512

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_65_8